

MU

LHER AO MAR!

Lançada para fora do navio numa tempestade violenta, Kerstin Bruns sabia que tinha apenas uma chance de sobreviver

POR JOHN DYSON

KERSTIN BRUNS agarrou-se à sua cadeira quando o escritório começou a inclinar num ângulo maluco. O cargueiro alemão *Hansa Bergen*, que havia deixado Cingapura fazia oito dias e rumava para as Ilhas Maurício, estava enfrentando um terrível vendaval no Oceano Índico. Cada janela exibia o maravilhoso espetáculo das ondas de oito metros quebrando e espumando a água.

A primeiro oficial de máquinas Bruns, 25 anos, tentou se concentrar na tela do computador. Ela havia interrompido seu plantão de quatro horas na ponte para procurar um erro de programação, enquanto o capitão, Helmut Wende, 57 anos, ficava em seu lugar. O relógio na parede marca-

va quase 15 horas do dia 25 de junho de 2004. Só mais uma hora de trabalho e ela poderia descansar até seu próximo plantão, à meia-noite.

Então o telefone tocou. “A prancha de desembarque a bombordo está se soltando”, gritou o contra-mestre. Wende pediu a Bruns que ajudasse Lorie Bernaldez, oficial superior do navio, a consertá-la.

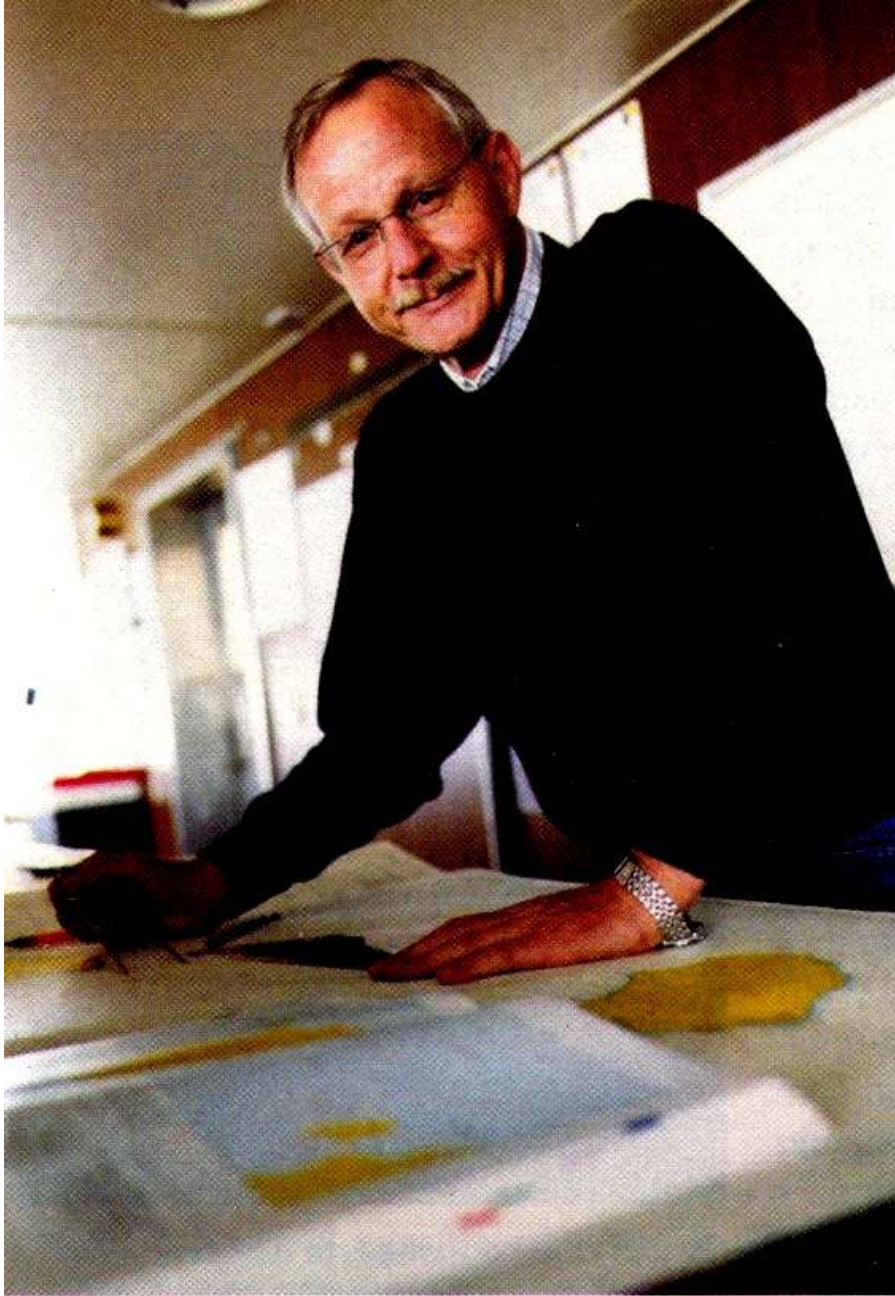
O capitão Wende, homem alto e elegante, nunca tinha navegado com mulheres em seus trinta anos no mar. Havia apenas dois dias, durante treinamentos de segurança, Bruns, delicadamente, tinha-o lembrado de que “homem ao mar” estava fora de moda. “O senhor deve dizer ‘pessoa ao mar’”, sugerira ela.

APESAR de satisfeito com o trabalho de Bruns, ele hesitara ao pensar em pedir a uma mulher que fizesse um trabalho difícil num convés aberto, durante uma tempestade. Mas sabia que a tarefa seria para Bruns uma experiência valiosa. “Veja o que pode fazer”, disse ele.

Em sua cabine, Bruns vestiu uma camiseta amarela e um macacão azul com sapatos de bico de aço. Tirou do pescoço a medalha com a foto do namorado e a colocou dentro da gaveta.

No convés, o vento embaraçava-lhe os curtos cabelos avermelhados e fustigava seu rosto pálido. O navio tinha feito uma curva, portanto o lado a bombordo estava mais protegido. Bernaldez conferiu as ondas que passavam. “Parece que o





O capitão Helmut Wende pensou se conseguiria encontrar Kerstin Bruns no mar revolto.

convés está seguro agora”, comentou. “Vamos dar uma olhada.”

Os dois oficiais, seguidos pelo contramestre e dois marinheiros, caminharam rápido até a metade dos 170 metros de comprimento do convés em direção à prancha danificada. Eles estavam pensando no que fazer quando Bernaldez deu uma olhada para cima. Uma onda inesperada, passando pelas demais num ângulo reto, rolou sobre a amurada e quebrou em cima deles. “Cuidado!”, ele gritou.

Os homens conseguiram se segurar, e o contramestre agarrou Bernaldez antes que ele fosse arrastado. Mas, sem que Bruns pudesse fazer nada, a avalanche de água a jogou por cima da amurada, e ela se viu traga-da pelo mar. Demorou muito para voltar à tona, e já estava quase sem ar quando chegou à superfície.

A três metros de distância, o navio cinza e branco de sete andares passava, seguindo seu rumo. A aproximadamente 25 km/h, o *Hansa Bergen* estava deixando Bruns para trás.

AS PILHAS de contêineres ao longo do convés obstruíam a visão do capitão Wende, e ele não percebeu nada até que Bernaldez, em estado de choque, comunicou pelo *walkie-talkie*: “Atenção, oficial desaparecida!”

Estarrecido, Wende apertou o botão do equipamento de navegação por satélite, para marcar a posição exata do navio, e pediu ao outro oficial que jogasse bóias e luzes flutuantes pelo costado. E gritou pelo alto-falante: “Pessoa ao mar! Toda a tripulação à ponte!”

Fazendo uma curva fechada, o navio rodou pesadamente. Quando Wende olhou o mar revolto, um pensamento terrível lhe ocorreu: *Como podemos esperar encontrá-la aí?*

UM ARCO sibilante de água passou por cima da cabeça de Bruns e despencou como um carregamento de tijolos. Jogada num redemoinho de espuma e água, e lutando para respirar, ela viu que o navio, agora já distante, começava a fazer a volta. “Andem logo!”, murmurou.

Como oficial de segurança do navio, ela sabia que bóias salva-vidas e sinalizadores com luzes piscantes tinham sido arremessados ao mar. Podia ver a fumaça laranja a cerca de 100 metros dali, mas sabia que era muito longe para nadar. Sua maior preocupação no momento era a dor que sentia na perna. Imaginando a possibilidade de sangramento, seus pensamentos se voltaram para tubarões. *Bem, não há tubarões aqui agora*, retrucou para si mesma, afastando da mente aquelas preocupações.

Arremessada em direção ao céu a cada onda, Bruns podia ver o navio retornando. A água explodia sobre a proa à medida que ele vencias as ondas. Ela acenou com alegria. Em poucos minutos estaria a bordo.

No entanto, a mais ou menos 800 metros de distância, o navio começou a se afastar. “Estou aqui! Estou aqui!”, gritou, acenando desesperadamente do alto de uma onda. Então a onda a puxou para baixo outra vez. Agora ela já não via o navio e eles também não conseguiam vê-la.

LONGE DALI, em Bremen, onde Bruns morava com o namorado, o Centro de Coordenação de Resgates Marítimos da Alemanha recebeu uma chamada



Bruns caiu no mar perto da escada de bombordo do navio.

telefônica do *Hansa Bergen* solicitando ajuda. Ex-lobos-do-mar, os oficiais de plantão sabiam que as chances de encontrar uma pessoa naquelas condições de tempo, com ventos de 50 km/h a 80 km/h, eram ínfimas. Mas eles enviaram um telex para os navios nas proximidades. O porta-carros *Maersk Sun*, de bandeira cingapuriana, a 270 quilômetros do local, alterou seu curso. O cargueiro alemão *San Lorenzo* fez o mesmo.

Quando o sol começou a se pôr, por volta das 18 horas, membros da tripulação, fisionomias tensas e apertados na cabine de comando,

vasculhavam as ondas. “Acendam todas as luzes do convés”, ordenou o capitão Wende. “Se a Srta. Bruns ainda estiver nadando, isso lhe dará um pouco de esperança.”

QUANDO escureceu, Bruns lutava para permanecer viva. A água estava muito salgada e quente (22º C, de acordo com um comunicado que tinha visto mais cedo), portanto não era difícil boiar. Mesmo assim, depois de quase quatro horas na água, o frio começava a penetrar seus ossos e a lhe enrijecer os músculos. No entanto, ela podia se considerar abençoada. Com 1,80 metro de altura e pesando 100 quilos, Bruns era uma mulher corpulenta, com uma ampla barriga – “Minha bóia particular”, brincava.

Mas isso não servia de proteção contra o frio. Enfrentando a água, ela fazia o possível para permanecer de costas para o vento e os borrifos das ondas. O sal feria seus olhos. As bochechas, as pálpebras, a testa e o nariz ficaram ressecados pelo sol e pelo vento. Sua pele estava irritada, e ela sonhava em poder tirar aquelas roupas – mas até os sapatos ajudavam a mantê-la aquecida.

A raiva também a ajudava a continuar. Quando algumas estrelas espreitaram por trás das imensas nuvens, Bruns gritou em direção a elas: “Ainda vou ser capitão!... Vou comprar um carro novo!... Vou me casar com meu namorado e ter filhos!...”

Em algum momento após a meia-noite, um segundo conjunto de luzes apareceu. Mais tarde, um terceiro. O

Maersk Sun e o *San Lorenzo* tinham chegado. As três embarcações se moviam lentamente sobre as ondas.

As luzes distantes dos navios traziam conforto a Bruns, mas também eram motivo de raiva. “Você está no lugar errado, capitão idiota!”, gritou. Mas logo os treinamentos e o bom senso gritaram mais alto. *Não, a idiota sou eu*, disse a si mesma. *Fique calma e poupe suas energias. O capitão sabe o que deve fazer.*

“Aqui!”, ela choramingou. Mas, quando finalmente a longa noite chegou ao fim, o amanhecer agitado trouxe o pior choque de todos: os navios começavam a se afastar.

Às 6h30, os três se afastaram cerca de 1.500 metros uns dos outros e partiram rumo ao oeste. O tempo estava ainda pior: rajadas fortes de chuva reduziam a visibilidade para menos de 300 metros. E a oficial desaparecida já estava na água havia 15 horas.

Durante toda a noite, o *Hansa Bergen* tinha rastreado as bóias salva-vidas à deriva, suas luzes fosforescentes brilhando sob os holofotes, e agora elas marcavam o centro da área de busca. “A Srta. Bruns não deve estar longe”, Wende explicou à sua tripulação alinhada nas janelas da ponte.

No *Maersk Sun*, o capitão Mike Hardmeat, 55 anos, ofereceu 100 dólares de recompensa para quem a localizasse. No fundo, o homem nascido em Yorkshire pensava que ninguém poderia ter sobrevivido àquela noite. *Se acharmos alguma coisa nesta droga de tempo, será um corpo*, pensou.



Apesar de ter se visto frente a frente com a morte, Kerstin Bruns continua a trabalhar no mar.

Por volta das 7h30, os três navios fizeram a volta e retraçaram suas rotas. Agora eles batiam pesadamente contra as ondas. Ninguém podia subir ao convés. A água verde quebrava sobre as proas. As esperanças de Wende ruíram. Se não a encontrassem antes do pôr-do-sol, como contaria aos pais de Bruns que estavam abandonando as buscas? Desanimado, verificou a posição do navio no mapa que havia desenhado. Eles

estavam procurando em uma área quadrada que media cerca de oito quilômetros de lado. A qualquer momento teriam de voltar.

NADANDO para salvar a vida, expelindo água salgada quando tossia, piscando os olhos inchados, Bruns se sentiu aliviada. Os navios estavam à vista novamente e vinham em sua direção!

Por seu formato inconfundível, ela sabia que o da esquerda era um porta-carros, e que vinha direto para ela.

Azul-claro com a parte de cima cor de areia, o navio parecia maravilhoso. Num momento, ele enterrava o nariz numa onda; no momento seguinte, empinava tão alto que a imensa proa saía totalmente da água. Bruns viu pessoas olhando da ponte e acenou, cansada.

O navio continuava se aproximando, e ela começou a ficar preocupada. A gigantesca embarcação contrastava com o céu como se fosse um edifício enorme. *Está vindo pra cima de mim!*

De repente, percebeu que ela ia passar direto. A proa estava a apenas 60 metros quando uma onda imensa jogou Bruns para cima. Ela aproveitou para acenar freneticamente.

No alto da ponte do *Maersk Sun*, o segundo oficial Gaurav Deshmukh viu uma mancha negra que se movia. “Capitão!”, gritou. “Lá está ela!”

Hardmeat viu Bruns logo à frente, a menos de 30 metros da lateral do navio. “Meia força avante. Toda a

força a boreste!", gritou, para garantir que ela não seria atropelada.

Uma onda enorme caiu sobre sua cabeça molhada e Bruns desapareceu, mas reapareceu em seguida. "Hansa Bergen, nós a encontramos!", Hardmeat informou pelo rádio. "Ela é toda de vocês!"

Mas agora o capitão Wende tinha de trazer sua oficial de volta para bordo. A hélice da proa que ajudava a empurrar o navio para o lado havia quebrado, e os contêineres atuavam como uma grande vela. Com o navio batendo tão loucamente, eles poderiam lançar um bote salva-vidas, mas nunca recuperá-lo outra vez.

Por três vezes, Wende tentou pôr o navio numa posição na qual pudessem alcançar Bruns sem atropelá-la, mas a cada tentativa a manobra tinha de ser abandonada. Durante minutos aterrorizantes eles a perderam de vista, mas tornaram a encontrá-la.

Por fim, o navio chegou à posição perfeita. O oficial superior Bernaldez arremessou a bóia salva-vidas. Bruns agarrou-a, aliviada, mas os homens a puxaram rápido demais e ela teve de soltá-la. Uma onda a arrastou sobre a amurada, cerca de cinco metros acima do nível da água. Bruns chegou a agarrar a borda, mas tornou a cair.

Uma escada de corda foi lançada

pelo costado e ela a agarrou. Depois de quase 20 horas lutando contra o mar, a escalada de cinco metros para um lugar seguro fazia lembrar o Everest. Ora a escada balançava lentamente para longe do navio, ora batia de encontro ao casco de aço.

Mas, com o desespero impulsionando seus braços, Bruns começou a subir. Exausta, alcançou a amurada, onde a puxaram para dentro do navio.

"PRIMEIRO oficial de máquinas a bordo novamente!" O capitão ouviu a mensagem pelo *walkie-talkie* às 11h10, mas demorou bastante até que pudesse falar com Bruns. Depois de um certo tempo, ele foi à cabine de visitas, onde a estavam enfiando embaixo de um edredom. Tentando esconder as lágrimas, ele a abraçou. "Bem-vinda a bordo", foram suas palavras.

- Minha oficial é valente e determinada - afirmou o capitão Wende. - Ela nos mostrou que, mesmo quando o pior está acontecendo, não devemos perder a esperança.

E Bruns acrescentou, sorrindo:

- E que devemos confiar no trabalho das outras pessoas.

Kerstin Bruns passou um dia no hospital, depois tirou alguns dias de licença e em seguida voltou para o mar.

NA SALA DE ESPERA DO VETERINÁRIO

- Qual é o nome do seu cãozinho? - perguntou a primeira mulher.

- Nós costumávamos chamá-lo de Cupim, respondeu a segunda. - Mas depois de todas as contas que tivemos de pagar ao veterinário, passamos a chamá-lo de Filé.